

ANÁLISE DOS PLANOS DE ENSINO DA GEOGRAFIA(*)

Nídia Nacib Pontuschka (**)

Introdução

Antes de realizar a análise dos planos, há necessidade de se fazer algumas considerações a respeito das dificuldades encontradas para se empreender esta tarefa.

A primeira grande dificuldade reside na carência de informações sobre cada uma das escolas, pois, na maior parte dos casos há apenas o nome do estabelecimento, sem precisar a sua localização especial. Em nenhum caso houve a preocupação de dar uma idéia geral sobre a clientela que integra o *curso*, ou os objetivos pretendidos no decorrer do curso, ou o papel da Geografia na formação do professor de 1.^a a 4.^a séries do 1.^o Grau.

Sobre este fato colocamos a seguinte pergunta: por que os professores não fazem os planos e quando fazem apresentam-nos em um nível de grande superficialidade?

Podem ser levantados vários motivos sempre presentes na vida do professor: problemas salariais, excesso de aulas dadas, má formação do profissional, faltas de recursos materiais na escola, mas há um motivo sobre o qual

* Este texto resulta da análise de planejamentos de professores da Rede Estadual (SP) — DRECAP III — na habilitação específica para o magistério.

** Professora de Prática de Ensino em Geografia da FE-USP.

vale a pena refletir-se. Esta reflexão pode ser feita com base no depoimento de um professor, constante em um dos planos analisados.

"Apresento sempre no início do ano o meu planejamento para os alunos que o copiam, porém, sinceramente, apresentá-los aos órgãos competentes, na minha opinião, é perda de tempo e gasto de papel, uma tarefa sem finalidade alguma. Nunca no sistema de ensino público algum superior meu teceu comentários sobre o meu planejamento: por falta de tempo talvez não tenha lido, por falta de competência ou vivência, talvez não tenha condições de analisá-lo. Sinceramente, não acredito em planejamento apenas para ser apresentado às autoridades. Planejamento para ser válido necessita de reuniões semanais..."

Realmente não se deve fazer planejamento apenas para "cumprir ordens", mas permanecem as perguntas: ele pode ser abolido por ser desnecessário? Ele pode vir a ser um instrumento importante para o trabalho do professor, ao deixar de ser mero instrumento burocrático?

Após a análise dos planejamentos, nas considerações finais, pretende-se que algumas reflexões sejam feitas a respeito dessas questões.

Os planos e a filosofia do curso de Magistério

Analisando os planos de Geografia, não se percebe o tipo de cidadão ou de profissional que se quer formar, porque a grande maioria coloca objetivos de conteúdo, poucos explicitam os objetivos educacionais. Dentre os 17 planejamentos, somente 4 demonstram certa preocupação com os fins do curso, quando colocam:

- desenvolvimento de atitudes necessárias à formação e à atuação do aluno como cidadão e profissional;
- promoção de situações favoráveis à socialização do aluno através do conteúdo e de técnicas de estudo adequa-

das ao seu grau de maturidade, ampliando o seu universo pessoal;

- analisar e compreender a realidade, desenvolvendo o espírito crítico do aluno e ensiná-lo a opinar com fundamentação e objetividade;
- proporcionar um crescimento individual, como o hábito de leitura, saber interpretar um texto e desenvolver o senso de responsabilidade diante de suas obrigações com a Escola e a Sociedade;
- analisar a realidade, trabalhando com o método científico.

Os leitores podem achar desnecessária a colocação dessas preocupações, no entanto, apesar de serem incompletas, a sua presença pode ajudar os que fazem um trabalho refletido e não simplesmente ativista. É importante que se pense no **perfil** do professor de 1.^a a 4.^a séries que se quer formar.

Da ausência dessa reflexão na maioria dos planejamentos, pode-se concluir que o professor de Geografia, com apenas duas aulas semanais na 2.^a série, optou por trabalhar com um conteúdo geográfico que pode servir para o curso de 2.^o Grau não profissionalizante, porque é difícil trabalhar com esse número reduzido de aulas com o conteúdo da ciência geográfica necessária à compreensão da realidade, e com as metodologias a serem desenvolvidas com estudantes de 1.^a a 4.^a séries do 1.^o Grau.

A visão de Geografia passada via programação

Como os professores deram maior ênfase aos objetivos de conteúdo da Geografia e listaram os temas da programação, estes aspectos podem ser melhor analisados. São poucos os planos que apresentam objetivos de conteúdo mais amplos do que os temas arrolados na programação. Veja o exemplo:

Objetivo de conteúdo: identificar que o Brasil apresenta dimensões continentais.

Programação: Brasil, país de dimensões continentais.

Desse modo, a análise será feita de forma conjunta, relacionando os conteúdos programáticos com a visão de Geografia que os professores aparentam ter via planejamentos.

São poucas as escolas que têm o curso de Magistério desde a 1.ª série. Quando isto ocorre, os professores declararam estudar Geografia do Brasil nas duas séries, ou, às vezes, preferem seguir a sugestão programática da CENP, que propõe o estudo da América na 1.ª série e do Brasil na 2.ª. Se o curso se inicia na 2.ª série, o conteúdo programático refere-se ao Brasil apenas.

7 planos mencionam apenas temas relacionados à NATUREZA. O HOMEM não aparece em momento algum. Com pequenas modificações entre os planos aparece o seguinte:

BRASIL — Localização. Fusos Horários.

Bases geológicas.

Litoral.

Hidrografia.

Clima.

Formações vegetais.

Dentre eles, às vezes, aparece um capítulo final, quase como apêndice, referindo-se ao HOMEM. Veja os exemplos:

— O homem em relação às nossas formações vegetais.

— Divisão político-administrativa e regional do Brasil.

— Contrastes nacionais e tentativas de integração.

— Município de São Paulo: aspectos humanos e econômicos do Brasil.

4 planos, além de colocarem os temas da Geografia Física arrolados anteriormente, acrescentam assuntos re-

lativos à população (migração, distribuição espacial), fontes de energia e atividades industriais.

1 plano coloca temas sobre a População e a Economia do Brasil, não aparecendo assuntos de Geografia Física.

1 plano faz a tentativa de integrar os conteúdos de História e Geografia, não explicitando como a integração se realiza no plano metodológico. Veja os exemplos do 1.º e 4.º bimestres:

1.º Bimestre — Orientação e iniciação à cartografia.

Localização do Brasil.

Descobrimto do Brasil. Tratado de Torresilhas.

As expedições.

4.º Bimestre — Aspectos geográficos e históricos do Estado de São Paulo.

No 4.º bimestre, dá para entender a integração de conteúdo, mas nos demais torna-se difícil.

Neste plano, percebe-se a preocupação com algo mais específico para o Magistério, tal como: análise dos livros de Estudos Sociais das 1.ªs séries, como vivem os homens de nossa época e de outros tempos no Brasil e em áreas mais distantes; desenvolver nas crianças a capacidade de compreender o presente através do passado.

1 plano fez opção por trabalhar com Brasil Regional. A observação da listagem de temas demonstra que não há a preocupação de integração entre as diferentes regiões ou de apresentar uma crítica à divisão regional realizada pela Fundação IBGE, atualmente muito discutível, porque não atende a um estudo da realidade regional do País. Além de ser estanque faz o estudo atomizado entre o físico, humano e econômico, como a maioria dos livros didáticos de Geografia. Veja o exemplo do 1.º bimestre:

— Unidade I — A Divisão do Brasil em Regiões.

— Unidade II — Região Sudeste — A complexidade física.

— Unidade III — As atividades industriais e a vida regional.

l plano apresenta uma inovação, ou seja, não se percebe na íntegra a reprodução de temas de livro didático, nem abordagem tradicional, colocando o desejo de discutir conteúdos para o desenvolvimento em classes de 3.^a a 4.^a séries do 1.º Grau. Há também a preocupação de aproveitar a motivação de acontecimentos internacionais de cunho popular como o futebol para ser refletido em classe. Eis o plano:

- O que é Geografia?
- Países participantes da Copa do Mundo em 1986.
- Como nos orientar?
- A natureza do Brasil não é igual.
- Brasil, país de dimensões continentais.
- Os contrastes sociais e econômicos do Brasil.
- A estrutura e a composição da população brasileira.
- Aspectos geográficos da cidade de São Paulo.
- A Grande São Paulo.

Observação da professora que elaborou o plano: — As unidades de números 1 a 7 são comuns às 1.^{as} e 2.^{as} séries e as de números 8 e 9 são específicas das 2.^{as} séries.

l plano coloca objetivos de compreensão da realidade extremamente válidos, no atual desenvolvimento da ciência geográfica, mas utiliza o plano do livro de José William Vesentini — *Sociedade e Espaço* — para as primeiras séries e *Brasil — Sociedade e Espaço*, para as segundas séries. Apesar disso, a bibliografia não é citada no plano. É importante mencionar que, dos livros didáticos utilizados, este é o autor que faz uma abordagem mais séria em relação à aplicação da Geografia mais voltada para as contradições existentes na produção do espaço geográfico pelas sociedades divididas em classes e em diferentes momentos históricos.

Resumindo em um quadro, para facilitar a visão de conjunto sobre os conteúdos apresentados, tem-se o seguinte:

N.º DE PLANOS DE CURSO	VISÃO DA GEOGRAFIA PASSADA ATRAVÉS DO PLANO
7	NATUREZA, fragmentada em diferentes aspectos.
5	Priorização da NATUREZA colocando alguns temas sobre o HOMEM.
1	HOMEM — População e Economia, sem mencionar a NATUREZA.
1	BRASIL REGIONAL — Físico, Humano e Econômico. Visão tradicional e fragmentada da Geografia.
1	Integração entre espaço e tempo, com conteúdos por vezes difíceis de serem integrados.
1	Relação ESPAÇO & SOCIEDADE.
1	Não fica explícita uma linha de ação, mas no plano pessoal aparecem conteúdos diferenciados — Ciência — Natureza — Sociedade — Economia — Região — com diferentes abordagens.

A maioria dos planos (1.4) revela que os professores ministram no Magistério uma Geografia ainda com um caráter extremamente naturalista e fragmentado. Parecem estar à margem das discussões que se travam nas principais universidades brasileiras, onde se busca cada vez mais a aproximação da Geografia, do espaço, com a ação das sociedades divididas em classes onde a produção do espaço é o resultado do trabalho humano que se processa em áreas da superfície terrestre, onde as relações sociais (homem x homem) vão definir o espaço.

Apenas em dois planos há ênfase sobre uma análise mais crítica e engajada do espaço, tentando fugir aos esquemas tradicionais de abordagem

A discussão teórica sobre a ciência geográfica tem que ser ampliada para as escolas de 1.º e 2.º graus e os currículos devem ser pensados a partir de certos princípios da Geografia, onde o homem vivendo em sociedade e construindo o espaço é importante, ao mesmo tempo que o professor necessita, o mais rápido possível, pensar na elaboração de planos mais inovadores, onde haja diminuição de um academicismo distante da realidade atual dos nossos alunos.

Como a preocupação de muitos professores é a de dar apenas a Geografia Física, os professores estão passando para os alunos a Geografia como estudo da Natureza desvinculada da ação humana, o que há algumas décadas vem sendo descartado do ensino da Geografia. O espaço natural está extremamente modificado pela ação dos homens que vivem divididos em classes sociais. E este espaço, definido por processos sociais, é que deve ser compreendido. Os recursos naturais são extremamente importantes, toda a luta social se faz em função deles: a terra, a água, o carvão, o petróleo são recursos pelos quais os homens lutam, embora com armas e instrumentos extremamente desiguais. Sempre os mais fortes ganhando o maior quinhão.

A bibliografia do aluno e do professor

Mais de 50% dos professores não mencionam se adotam ou não livros didáticos para o aluno. Os demais, mencionaram uma ou duas vezes, os seguintes livros:

- *Panorama do Brasil*, de Guiomar Goulart de Azevedo e Fabiano Marques dos Santos, Editora Atual.
- *Geografia do Brasil*, de Marcos Amorim e Nilce B. Soncin, Editora Moderna.

- *Geografia Geral*, de Alian Alabi Luci, Editora Saraiva.
- *Geografia do Brasil*, do mesmo autor.
- *Panorama Geográfico do Brasil*, de Melhem Adas, Editora Moderna.
- *Geografia do Brasil*, de Zoraide V. Beltrame.

Um dos professores cita que, além do livro-texto, coloca à disposição dos alunos as enciclopédias *Mirador* e *Conecer*, livros da Coleção *Primeiros Passos* da Editora Brasiliense, Revistas como VEJA e ISTO É e o livro *Geologia Geral*, de Victor Leinz e Sérgio E. do Amaral.

Os professores não explicitam como utilizam os livros, mas os livros citados, salvo raríssimas exceções, abordam os assuntos geográficos de forma extremamente tradicional, positivista, fragmentada, não levando o aluno à reflexão sobre a realidade do seu espaço. Faz-se necessária uma discussão mais profunda a respeito do papel do livro didático no ensino, como instrumento e não como fim.

Um material variado, como mencionou uma professora, à disposição do aluno parece que é o desejável. O aluno aprende a fazer a leitura de diferentes estilos e estar em contato com diferentes leituras da realidade espacial.

Existem outras formas de aprender que independem de livros e textos. Aprendemos muito com as pessoas. Daí a importância das conversas, das entrevistas, de aproveitar as mensagens que os meios de comunicação de massa nos oferecem e a vivência resultante do nosso cotidiano.

Sobre a bibliografia do professor, houve apenas uma citação.

- *Brasil: Bases Físicas, Humanas e Econômicas*, organizado pelo Prof. Aroldo de Azevedo, da Coleção "Brasiliiana" editada pela Cia. Editora Nacional, tendo o 1.º volume sobre as bases físicas saído em 1964 e o 2.º volume sobre as bases humanas saído em 1970.
- Fundação IBGE — *Geografia Regional do Brasil*, 1977.

- Fundação IBGE — *Subsídios à Regionalização*, 1968.
- *Geografia Econômica*, de Pierre George, 1957. Note-se que o professor não mencionou o ano da edição, podendo ter utilizado edições mais recentes em que os dados estejam mais atualizados, mas onde não houve modificações nas análises feitas.

É extremamente importante que pelo menos um professor tenha discriminado a bibliografia, mesmo que ela esteja defasada no tempo, porque demonstra a dificuldade que o professor tem de acesso a uma bibliografia mais atualizada, mais de acordo com a atual evolução da Geografia, muitas vezes existente no âmbito restrito das universidades.

Atualmente, verifica-se que a bibliografia do professor passou por uma multiplicidade de fatores, a ser confundida com a do aluno, ou seja, o livro didático.

Márcia Spyers em seu livro *Geografia para o aluno trabalhador*, S. Paulo, Loyola, 1986, demonstra preocupação com os livros didáticos, atribuindo a eles parcela da responsabilidade do fracasso do ensino da Geografia quando afirma:

"Os livros didáticos segundo os professores da área também têm a sua parcela de responsabilidade no insucesso do ensino da Geografia. Sua qualidade está caindo progressivamente e, de maneira esquemática, pode-se dividi-los em dois tipos: os livros de linguagem mais acessível que tratam os alunos quase sempre como incapazes, impedindo-os de raciocinar, analisar, interpretar, criticar, etc; já os que não rebaixam arbitrariamente a linguagem nem 'facilitam' o conteúdo têm uma linguagem e trabalham com um quadro de referências dificilmente acessível às classes populares."

O professor geralmente não identifica na "forma" e "conteúdo" dos manuais didáticos a visão de mundo de quem os produziu.

Estratégias e o ensino da Geografia no Magistério

Os planejamentos apresentam um rol de estratégias, completamente desvinculado dos conteúdos, não se sabendo para cada tipo de conteúdo as técnicas, atividades ou experiências utilizadas e as razões da preferência por uma ou outra. Essa desvinculação entre o *quê?* e o *como?* esconde a metodologia que o professor aplica ao estudo da Geografia.

Muitas das estratégias são colocadas sem real compreensão do que sejam. Por exemplo, sob o título "Utilização de recursos audiovisuais", colocam-se cartazes, músicas, passeios, redações e pesquisa. Será que todos os itens citados pertencem à categoria de audiovisuais?

O mesmo ocorre com o estudo do meio. Este é citado no rol das estratégias, como se fosse uma simples projeção de slides. O estudo do meio não é reconhecido como uma metodologia, em que se procura colocar aluno e professor em contato com a realidade, conduzindo ambos a uma visão de realidade repleta de contradições e de caminhos, onde aluno e professor juntos vão produzindo conhecimento e fazendo a sua História. Sobre este aspecto seria bom conhecer os trabalhos da *Revista Orientação* n.ºs 5 e 6, publicadas pelo Instituto de Geografia da USP, e *Escola e a Compreensão da Realidade*, de Maria Tereza Nidelcoff.

Considerações finais.

Da análise dos planejamentos, restou-nos a grande preocupação: que visão de Geografia os professores passam para os alunos, em geral, e para os alunos do Magistério, em particular.

Na maioria dos planejamentos, percebe-se que o objeto da Geografia é o solo, o relevo, o clima e não a sociedade. A Geografia, sendo naturalista, a História não existe,

não é considerada. Diante dessa Geografia, a sociedade e o seu tempo não existem ou são extremamente minimizados.

Um outro grande problema é desconsiderar o aluno como um ser histórico, que já tem um conhecimento do espaço adquirido através de uma vivência. O que nós da Geografia devemos fazer é conhecer esse espaço do aluno e junto com ele ir ampliando e aprofundando o conhecimento desse espaço e suas relações com outros espaços diferentes. O trabalho conjunto construirá um conhecimento verdadeiro sobre o espaço, onde a sociedade e a natureza modificada pelo trabalho coletivo estão em interação.

O ponto de partida de qualquer trabalho sério no ensino da Geografia está no espaço vivido pelo aluno, através de experiências diretas. Isto nenhum livro pode fazer, somente o professor no contato diário com o aluno é capaz de conhecer esse espaço e daí construir o seu trabalho.

A diversidade de formação do professor de Geografia, para não dizer a precariedade de nossa formação, nos coloca uma grande tarefa a ser empreendida, a discussão da nossa disciplina e o papel que ela tem na formação de um professor de 1.^a a 4.^a séries. Este problema somente podemos resolver em um trabalho conjunto com colegas de nossa disciplina, não há condições de se obter respostas isoladas.

Outra questão que se coloca é saber o que se quer de um profissional na docência de 1.^a a 4.^a séries? Qual é o perfil desse professor? Esta questão apenas pode ser respondida a nível de todos os professores envolvidos com o curso de Magistério, em discussão conjunta, sistemática, talvez a longo prazo, onde as soluções para formar o professor sejam paulatinamente encontradas e concretizadas, mesmo forçando órgãos centrais a tomar decisões a favor da escola, de um trabalho consciente, distanciado da burocratização e próximo do aluno e do professor.

Algumas medidas concretas são urgentes. Do contrário várias gerações de estudantes estarão comprometidas.

O que ensinar em Geografia para o aluno do Magistério, utilizando metodologias mais inovadoras que levarão o aluno "a caminhar com suas próprias pernas", sendo ele próprio o agente de sua formação e o crítico de seu trabalho,

Embora seja importante a integração com outras disciplinas do Magistério, os planos de curso ainda revelam que há um longo caminho a ser percorrido em nossa disciplina. Esta é a prioridade.